

Jornal da Comunidade



UNIVERSIDADE
EDUARDO
MONDLANE

<https://www.uem.mz>

facebook.com/uemmoz

twitter.com/uemmoz

youtube.com/uemmoz

Edição: 413 | Segunda-feira, 07 de Setembro de 2026 | Periodicidade: Semanal

FELISBERTO NAVALHA

Da UEM para a liderança da política monetária

- Felisberto Navalha, formado e docente da Universidade Eduardo Mondlane e PCA da Fundação Universitária, assume o Banco de Moçambique, com a missão de aproximar a estabilidade macroeconómica da economia real

Da sala de aulas da Faculdade de Economia da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) para o mais alto pedestal do Banco de Moçambique, o percurso de Felisberto Dinis Navalha cruza academia, investigação e quase três décadas de experiência na banca central. Agora, como Governador, o economista é chamado a colocar esse

conhecimento ao serviço de um desafio maior: assegurar que a estabilidade monetária e financeira deixe de ser percebida apenas através dos grandes indicadores e produza efeitos concretos na vida das famílias, das empresas e dos trabalhadores.

Foi esse, no essencial, o recado deixado pelo Presidente da República, Daniel Chapo, ao

empossar Navalha, no dia 2 de Setembro, em Maputo. Para o Chefe do Estado, a mudança na liderança do Banco Central deve marcar um novo ciclo em que estabilidade e transformação económica caminhem lado a lado. Felisberto Navalha sucede a Rogério Zandamela, cujo mandato terminou a 31 de Agosto último.

AINDA NESTA EDIÇÃO:

UEM leva inovação, ciência e tecnologia à 61.^a edição da FACIM

A Universidade Eduardo Mondlane (UEM) marcou presença, entre os dias 31 de Agosto e 6 de Setembro, na 61.^a edição da Feira Internacional de Maputo (FACIM), onde apresentou o seu potencial científico, tecnológico e académico a visitantes provenientes de diferentes pontos do país e da comunidade estrangeira.

Produtos e Brindes da Marca UEM

Contacte:

(+258) 87 345 6444

(+258) 86 812 8858

cecoma@uem.ac.mz



A chegada ao topo da autoridade monetária nacional representa, também, um ponto alto de uma trajetória fortemente ligada à UEM. Natural de Mussimua, no distrito de Sussundenga, em Manica, Navalha concluiu a Licenciatura em Economia na Universidade Eduardo Mondlane, em 1996, onde, mais tarde, em 2012, obteve o mestrado em Economia do Desenvolvimento.

Mantém-se ligado à instituição como docente da Faculdade de Economia, onde leccionou disciplinas como Introdução à Macroeconomia, Macroeconomia I e Economia Monetária. Antes da nomeação, Navalha exercia as funções de Presidente do Conselho de Administração da Fundação Universitária da UEM, desde 2024.

É, assim, um académico habituado a explicar aos estudantes os mecanismos da política monetária que passa agora a assumir a responsabilidade máxima pela condução dessa política no país.

Uma formação que encontra a prática

A nomeação de Felisberto Navalha projecta uma trajetória na qual a Universidade e o Banco Central praticamente caminharam em paralelo.

No mesmo ano em que concluiu a licenciatura em Economia, na UEM, em 1996, iniciou o seu percurso profissional no Banco de Moçambique. Ao longo dos anos, passou por funções técnicas e de gestão, com particular incidência nos estudos económicos e estatísticos. Entre 2011 e 2017 dirigiu o Departamento de Estudos Económicos e, de 2017 a 2022, integrou o Conselho de Administração como Administrador.

O próprio Presidente da República destacou esse percurso ao apresentar o conhecimento acumulado dentro da instituição como um dos principais activos do novo Governador. Navalha, lembrou Chapo, dedicou 28 anos da sua vida profissional ao Banco de Moçambique, tendo passado pela Direcção de Estudos Económicos e Estatísticas e pelo Conselho de Administração, além de ter sido consultor na Autoridade Tributária e docente da Faculdade de Economia da UEM.

O regresso ocorre, portanto, num patamar diferente. Se, antes, Navalha participou na produção de estudos, análise da conjuntura e decisões da instituição, agora passa a responder pela sua liderança.

Chapo quer estabilidade que se sinta fora dos

números

O desafio colocado pelo Presidente da República começa, exactamente, num terreno familiar ao economista e docente: encontrar o equilíbrio entre estabilidade macroeconómica e desenvolvimento.

Para Chapo, a missão do Banco Central não pode ser reduzida à conservação de bons indicadores. A estabilidade deve criar condições para investimento, produção, exportações, emprego e melhoria efectiva das condições de vida. “Queremos estabilidade, mas queremos, igualmente, que os benefícios dessa estabilidade sejam sentidos na economia real”, afirmou o Chefe do Estado.

O Presidente afastou, deste modo, uma falsa escolha entre estabilidade e crescimento. A inflação baixa e uma moeda credível continuam fundamentais, mas devem constituir uma plataforma para um crescimento sustentável e inclusivo. A inflação, recordou, corrói o poder de compra e penaliza sobretudo os cidadãos de menores rendimentos.

A mensagem presidencial coloca uma dimensão social sobre matérias tradicionalmente apresentadas através de taxas, índices e projecções.

Da teoria monetária aos problemas da economia real

É justamente aqui onde a ligação de Navalha à Universidade ganha outra dimensão.

Durante anos, o novo Governador esteve ligado ao ensino de Macroeconomia e Economia Monetária na Faculdade de Economia da UEM. A sua carreira académica inclui, igualmente, investigação e produção de trabalhos sobre a economia moçambicana.

Agora, algumas das questões discutidas no espaço académico deixam de ser apenas objectos de ensino e investigação para se transformarem em decisões que terão impacto directo sobre a economia nacional.

Taxas de juro, inflação, oferta monetária, crédito, mercado cambial, reservas internacionais e estabilidade financeira deixam de constituir apenas categorias de análise: passam a integrar o quotidiano das decisões sob sua responsabilidade enquanto Governador.

E, Daniel Chapo, foi explícito quanto ao resultado esperado: o Banco Central deve conhecer “a economia que existe por detrás dos números”, dialogar com o “Moçambique real” e trabalhar com base na economia real.



Divisas: um dos primeiros grandes testes

Um dos *dossiers* mais sensíveis colocados sobre a mesa do novo Governador é o funcionamento do mercado cambial.

Chapo reconheceu as preocupações dos agentes económicos relativamente ao acesso às divisas para importação de matérias-primas, equipamentos e realização de outras operações indispensáveis à actividade empresarial. “Essas preocupações devem merecer a vossa atenção”, recomendou, exigindo rigor, responsabilidade e transparência na identificação dos constrangimentos e procura de soluções sustentáveis.

Mas o Presidente advertiu que não existe solução exclusivamente monetária para o problema. A resposta estrutural passa, igualmente, por aumentar a produção, diversificar exportações, transformar localmente os recursos nacionais e atrair investimento produtivo. Daí a exigência de diálogo permanente entre os responsáveis pelas políticas monetária, fiscal e financeira.

O financiamento da economia constitui outro grande teste. Chapo mostrou preocupação com o crescimento da dívida pública interna e os seus potenciais efeitos sobre as taxas de juro, a liquidez e a disponibilidade de recursos para o sector produtivo.

O alerta é para evitar que as necessidades financeiras do Estado acabem por retirar espaço às empresas e aos empreendedores. Agricultura, indústria, turismo, transportes e logística, pequenas e médias empresas, jovens e mulheres precisam igualmente de financiamento para produzir e crescer.

O Banco Central não decide a quem os bancos comerciais devem conceder crédito, reconheceu Chapo. Mas pode contribuir para construir um sistema financeiro sólido, competitivo, transparente, moderno e eficiente.

O Presidente traduziu o problema em perguntas simples: como acelerar a industrialização se as empresas não conseguem financiar máquinas e equipamentos? Como desenvolver cadeias de valor se o produtor não consegue financiar a produção? São perguntas que colocam a política monetária diante do desafio do desenvolvimento.

Há ainda uma transformação em curso que Navalha terá de acompanhar: a digitalização do sistema financeiro. *Fintech*, pagamentos digitais e cibersegurança estão a mudar rapidamente a actividade financeira. Chapo quer inovação, mas sem perda da estabilidade e da capacidade de supervisão. Mais do que modernização tecnológica, o

Presidente vê nesse processo uma oportunidade para aprofundar a inclusão financeira. “O sistema financeiro não pode ser uma realidade apenas dos grandes centros urbanos”, advertiu. Deve chegar ao produtor rural, à pequena empresa, à mulher empreendedora e ao jovem que procura transformar uma ideia numa empresa.

Assim, uma das medidas do sucesso da nova liderança poderá estar, precisamente, fora dos edifícios do Banco Central: na capacidade de mais moçambicanos acederem a serviços financeiros capazes de apoiar as suas iniciativas económicas.

A academia chamada a entrar no diálogo

Entre as orientações deixadas ao novo Governador há uma que encontra eco particular no seu percurso universitário. Chapo pediu a Navalha que escute a economia e dialogue com o Governo, sector financeiro, sector privado e as academias.

Não é uma referência menor para alguém que chega à liderança do Banco Central vindo também da academia. Na Faculdade de Economia da UEM, Navalha mantém contacto com estudantes e com a produção e discussão do conhecimento económico. Na Fundação Universitária, participa numa estrutura vocacionada para apoiar a Universidade. Agora, o desafio será também construir pontes entre o conhecimento produzido na academia e as decisões de política económica.

O Presidente pediu ainda que a comunicação com os cidadãos seja feita com clareza, lembrando que confiança se constrói através da previsibilidade, transparência e integridade.

A agenda presidencial não olha apenas para fora do Banco. Chapo quer que Navalha valorize o capital humano que encontra na instituição. O novo Governador recebe, segundo o Presidente, um Banco com história, conhecimento acumulado e quadros qualificados.

A orientação é clara: investir na formação e capacitação, acompanhar tendências internacionais e promover mérito, competência, responsabilidade, integridade e profissionalismo.

Também, aqui, a experiência universitária poderá constituir um activo. Formação, investigação e actualização do conhecimento fazem parte da cultura académica que acompanha Navalha no regresso à instituição onde desenvolveu a maior parte da carreira profissional.

A mensagem de Chapo resume-se em: preservar as conquistas dos últimos dez anos, corrigir o que não funciona, modernizar o necessário e preparar o Banco de Moçambique para acompanhar uma economia que pretende transformar-se.

Um percurso que também projecta a UEM

A chegada de Felisberto Navalha ao Banco de Moçambique pode, por isso, ser lida também a partir da Universidade Eduardo Mondlane.

É a história de um estudante de Economia que concluiu a formação, na UEM, em 1996, ingressou no Banco Central, especializou-se em Economia do Desenvolvimento, cresceu profissionalmente na Instituição, chegou ao Conselho de Administração e, paralelamente, manteve ligação à Universidade como docente e dirigente da Fundação Universitária.

Três décadas depois da licenciatura, chega à liderança da instituição que ocupa o centro da política monetária nacional.

Para a UEM, a trajectória evidencia uma das dimensões do impacto de uma universidade pública: formar quadros que, em diferentes momentos, são chamados a assumir responsabilidades estratégicas na condução do país. No caso de Navalha, essa relação não terminou com a graduação. Prosseguiu pela docência, investigação e gestão universitária.

E há uma coincidência particularmente simbólica no desafio que agora recebe. O Presidente pede ao novo Governador que o Banco dialogue com a academia, valorize conhecimento e quadros qualificados, escute a economia real e transforme evidências em decisões.

É uma fronteira que Navalha conhece dos dois lados.

No final, porém, o teste da nova liderança não será determinado pelo currículo do Governador nem pela instituição onde se formou. Será medido pelos resultados.

Chapo encerrou os recados ao novo dirigente retirando a política monetária do domínio abstracto das estatísticas.

Por detrás dos indicadores, taxas de juro, reservas e decisões de política monetária, lembrou, encontram-se famílias, empresas, trabalhadores e as aspirações de milhões de moçambicanos.

É talvez nessa frase que se concentra o mandato político deixado ao economista formado pela UEM.

Lércio Uafinda sai da UEM com 20 valores e uma solução para a indústria

- Estudante desenvolveu um software industrial baseado em inteligência artificial para otimizar a geometria de um compressor de hidrogénio

Chama-se Lércio Uafinda e alcançou a classificação máxima de 20 valores na defesa do seu trabalho de fim do curso em Engenharia Mecânica, na Universidade Eduardo Mondlane, com o projecto intitulado “Desenvolvimento de um *software* industrial que utiliza inteligência artificial para otimizar a geometria de um compressor de hidrogénio”.

Essencialmente, o projecto consistiu no desenvolvimento de um *software* computacional equipado com um sistema de inteligência artificial, concebido para obter parâmetros otimizados de um compressor de hidrogénio.

O sistema poderá ser utilizado pelas indústrias na produção e no armazenamento de hidrogénio. Refira-se que o hidrogénio pode ser utilizado para diversas finalidades, entre as quais a produção de energia eléctrica e, quando convertido em amoníaco, a produção de fertilizantes para o sector agrícola.

Segundo o estudante, a metodologia de trabalho adoptada permitiu concluir o projecto em apenas cinco meses. “Tive muita interacção com o supervisor. Em todas as últimas Quintas-feiras de cada mês, tínhamos de fazer a apresentação do trabalho, e isso ajudou bastante para que me preparasse para o dia da defesa”, descreve.

O projecto foi supervisionado pelo Prof. Doutor Jorge Nhambiu, docente experiente e antigo Ministro da Ciência e Tecnologia. Lércio explica que a experiência, criatividade e paixão do Prof. Nhambiu foram determinantes para o sucesso do projecto.

Proveniente da província da Zambézia, Lércio Uafinda diz sentir-se muito feliz com a proeza alcançada e com o impacto que a classificação obtida na conclusão do curso teve, inclusive, no seio familiar. O recém-licenciado espera, agora, contribuir



Lércio Uafinda

para o mercado de trabalho com os conhecimentos adquiridos ao longo da sua formação.

Para o supervisor, o Prof. Doutor Jorge Nhambiu, o sucesso do projecto resulta de um trabalho diário e árduo, que incluiu a realização de actividades concretas durante os cinco meses de desenvolvimento.

Nhambiu fez saber que Lércio Uafinda faz parte de um grupo de 17 estudantes que está a supervisionar este ano. “Os estudantes devem obedecer a um regime que eu estabeleço, porque esquecem que o trabalho de conclusão também é uma disciplina. Sendo uma disciplina, eles devem trabalhar todos os dias no trabalho de fim de curso”, explicou.

Nhambiu afirma que, nos seus mais de 30



Prof. Doutor Jorge Nhambiu

anos de docência e supervisão de estudantes, é a primeira vez que um estudante alcança a classificação de 20 valores. Todavia, aponta algumas razões que podem estar por detrás deste resultado, entre as quais o investimento realizado nos últimos anos, que contribuiu para a melhoria dos laboratórios e para uma maior acessibilidade a ferramentas tecnológicas, incluindo *softwares* mais modernos. “O que está por detrás desses resultados são os investimentos realizados, que alteraram a maneira como nós transmitimos os conhecimentos. O investimento está a começar a produzir os resultados que eram esperados. Há laboratórios e os estudantes aprendem muito rápido”, concluiu.

PESCA DE PEQUENA ESCALA

Estudantes da ESUDER constroem barco artesanal

Estudantes do 2.º ano do curso de Licenciatura em Produção Pesqueira da Escola Superior de Desenvolvimento Rural da Universidade Eduardo Mondlane (ESUDER), localizada no distrito de Vilankulo, província de Inhambane, acabam de construir um barco artesanal para a pesca

de pequena escala, utilizando, maioritariamente, materiais disponíveis localmente.

Ao todo, nove estudantes estiveram envolvidos na iniciativa, dos quais sete raparigas e dois rapazes, todos com idades inferiores a 21 anos. Sob orientação de uma docente, o grupo procurou identificar materiais

alternativos, acessíveis e de baixo custo que pudessem ser utilizados na construção da embarcação.

A iniciativa surgiu na sequência de um desafio lançado pela docente da disciplina de Máquinas e Motores Aplicados na Aquacultura, leccionada no primeiro semestre

do segundo ano do curso. O objectivo era permitir que os estudantes aplicassem, de forma prática, os conhecimentos adquiridos durante as aulas.

O grupo aceitou o desafio e colocou mãos à obra. A primeira etapa consistiu na elaboração do desenho técnico da embarcação e na identificação dos materiais que seriam utilizados na sua construção. Entre os materiais empregues, o prego foi o único elemento convencional utilizado para unir as peças de madeira.

Com cerca de dois metros de comprimento, a embarcação foi concebida para ser utilizada em actividades de pesca de pequena escala nas zonas costeiras de Vilankulo.

Segundo uma das estudantes, a construção foi realizada por etapas. O trabalho começou pela parte traseira da embarcação, denominada popa, seguindo-se a construção da parte frontal, conhecida como proa. Posteriormente, foi instalada a quilha, elemento estrutural que percorre a parte inferior da embarcação e contribui para a sua estabilidade e resistência.

Na etapa seguinte, foram colocadas as madeiras laterais, responsáveis por conferir maior estrutura à embarcação e definir o seu formato. “Por termos estudado como um barco é construído e aplicado isso na prática, para nós, este barco é especial”, afirmou Jenny Mário, uma das estudantes envolvidas no projecto.

Jenny Mário observa que, apesar de ter sido construído com materiais alternativos, o barco apresenta características semelhantes às de pequenas embarcações utilizadas habitualmente pelos pescadores da região. Segundo a estudante, a embarcação foi testada e aprovada pela comunidade pesqueira local.

A participação da comunidade também foi considerada fundamental para a



concretização do projecto. Os membros da comunidade contribuíram, entre outros aspectos, para a identificação da madeira de chanfuta, utilizada na construção, bem como de outros materiais necessários para a execução da iniciativa.

Nesta fase, a embarcação permanecerá na ESUDER como protótipo para fins demonstrativos e pedagógicos, permitindo que outros estudantes conheçam, na prática, as diferentes etapas de construção de um barco.

Entretanto, os estudantes não descartam

a possibilidade de desenvolver, no futuro, uma nova embarcação, com dimensões maiores e características adequadas às necessidades da pesca de pequena escala.

Para Maria de Lurdes, também integrante do grupo, a experiência foi bastante positiva, não apenas pelo conhecimento adquirido, mas também pela união entre os estudantes durante o processo de construção. “Estivemos juntos nisso. Era um sonho para nós. Foi difícil, mas conseguimos”, afirmou Maria de Lurdes.



Jenny Mário



Maria de Lurdes

UEM leva inovação, ciência e tecnologia à 61.ª edição da FACIM

A Universidade Eduardo Mondlane (UEM) marcou presença, entre os dias 31 de Agosto e 6 de Setembro, na 61.ª edição da Feira Internacional de Maputo (FACIM), onde apresentou o seu potencial científico, tecnológico e académico a visitantes provenientes de diferentes pontos do país e da comunidade estrangeira.

Ao longo da feira, o stand da UEM recebeu um fluxo constante de visitantes interessados em conhecer a oferta formativa da Universidade, desde os cursos de licenciatura e pós-graduação, às oportunidades de formação, cuja procura tem vindo a crescer. A apresentação incluiu, igualmente, informação sobre

as diferentes áreas de formação e as respectivas saídas profissionais, aproximando a instituição de potenciais estudantes, profissionais, parceiros e do público em geral.

A participação da Universidade foi, contudo, para além da divulgação da sua oferta académica. A presença de diferentes unidades

orgânicas permitiu apresentar projectos e soluções desenvolvidos no contexto da investigação, da inovação e da transformação digital, revelando uma UEM orientada para responder aos desafios concretos da sociedade.

Entre os espaços que despertaram maior interesse, esteve a Sala do Futuro, apresentada

pela Faculdade de Ciências, que mostrou aplicações de tecnologias emergentes no ensino e na resolução de problemas concretos. No domínio da agricultura, foram demonstrados sistemas de irrigação automática e de controlo automático de iluminação, ambos baseados em tecnologia Arduino, que funcionou como o núcleo de processamento dos sistemas. As soluções foram concebidas para receber sinais, processá-los e desencadear respostas de forma automática.

O sistema de irrigação foi apresentado como uma alternativa para apoiar a produção agrícola durante os períodos de escassez de água. Alimentado por energia solar, o sistema permitiu utilizar diferentes fontes de água, incluindo rios, reservatórios e tanques, e poderia ser aplicado em áreas agrícolas de maior dimensão. A automatização reduziu, igualmente, a necessidade de intervenção humana no processo de irrigação.

Já o sistema de controlo automático de iluminação permitiu ao utilizador gerir, através de um *smartphone*, o momento de ligar ou desligar as luzes. A solução mostrou possibilidades de aplicação em diferentes espaços onde o controlo da iluminação assumiu importância.

A Sala do Futuro apresentou ainda experiências de realidade virtual, tecnologia que permitiu visualizar ambientes tridimensionais e que poderá assumir um papel relevante na educação, particularmente na simulação de situações complexas nas áreas de engenharia, medicina e outras ciências, com recurso a ambientes imersivos e *feedback* visual. A demonstração incluiu também protótipos robóticos, concebidos ou aperfeiçoados para responder a necessidades específicas da sociedade, bem como uma impressora 3D, capaz de produzir objectos a partir de modelos digitais utilizando filamento plástico. As demonstrações evidenciaram o potencial da integração entre ciência, tecnologia e educação na criação de soluções inovadoras.

A transformação digital esteve, igualmente, representada através do Centro de Informática da UEM (CIUEM), que aproveitou a participação na FACIM para dar a conhecer ao país e à diáspora o potencial dos serviços



tecnológicos disponibilizados pela instituição. Um dos principais destaques foi a MoZIX, o ponto de troca de tráfego da Internet em Moçambique, que permitiu aos operadores de telecomunicações, provedores de Internet e outras redes trocar tráfego directamente dentro do país, reduzindo a necessidade de encaminhar esse tráfego para infra-estruturas localizadas no exterior.

A presença do CIUEM incluiu, igualmente, a apresentação do Centro de Dados, uma infra-estrutura concebida para apoiar a transformação digital e fortalecer a investigação científica em Moçambique. A nova infra-estrutura veio melhorar as condições de alojamento de sistemas e dados, com maior capacidade, redundância e disponibilidade dos serviços, contribuindo para assegurar requisitos de confidencialidade, integridade e disponibilidade da informação.

O potencial tecnológico e empreendedor da

Universidade esteve ainda representado pelas *startups* ligadas à Incubadora de Negócios do CIUEM, que mostraram soluções e iniciativas com potencial para transformar conhecimento e criatividade em produtos e serviços.

A participação na 61.ª FACIM permitiu, assim, que a UEM apresentasse uma imagem mais ampla da sua missão. Para além da formação de estudantes, a Universidade mostrou a investigação que realizou, as tecnologias que desenvolveu e as infra-estruturas que colocou ao serviço da transformação digital do país.

A diversidade dos visitantes que passaram pelo *stand* provenientes de diferentes regiões de Moçambique e de outros países proporcionou à instituição uma oportunidade para informar, dialogar e estabelecer novos contactos.

UEM e instituições chinesas aproximam formação das necessidades da indústria

A Universidade Eduardo Mondlane (UEM), o *Pingdingshan Polytechnic College* e a *China Pingmei Shenma Group* assinaram, na Segunda-feira (31/08), uma Carta de Intenções que deverá ampliar a formação prática dos estudantes, reforçar competências tecnológicas e aproximar a Universidade das necessidades do sector produtivo.

O acordo abrange áreas como geologia e exploração mineira, operação e manutenção de equipamentos electromecânicos, automação eléctrica, tecnologias de energia, engenharia de construção e tecnologias de

aplicação informática.

A cooperação prevê que as instituições identifiquem as necessidades de qualificação das empresas que operam em Moçambique e desenvolvam programas de

formação orientados para as competências procuradas pelo mercado.

Para os estudantes, o entendimento abre possibilidades de formação e certificação profissional, aprendizagem prática,

intercâmbio académico entre Moçambique e China e acesso a oportunidades de bolsas de estudo. Está igualmente previsto o reconhecimento de créditos académicos.

A participação do *Pingdingshan Polytechnic College* e do *China Pingmei Shenma Group* deverá permitir combinar a componente académica com experiências relacionadas com o funcionamento da indústria, particularmente em sectores que exigem competências técnicas especializadas.

A expectativa é que os estudantes tenham contacto com tecnologias, processos e problemas encontrados no exercício profissional ainda durante a formação.

Os docentes também deverão beneficiar de programas de capacitação e mobilidade, além de participar na elaboração conjunta de currículos e materiais de ensino.

O acordo cria, igualmente, espaço para aproximar a investigação desenvolvida na Universidade dos problemas do sector produtivo. Estão previstos projectos conjuntos de investigação e inovação, intercâmbio de investigadores e realização de seminários científicos, com particular atenção às áreas de energia e geologia.



A cooperação deverá assentar numa plataforma que articule Universidade, investigação e indústria, permitindo que problemas identificados pelas empresas possam ser objecto de estudo e que resultados da investigação encontrem possibilidades de aplicação.

Esta articulação poderá também ampliar as oportunidades para estudantes e investigadores participarem em projectos ligados a

situações concretas da actividade industrial.

A mobilidade constitui outra componente do entendimento. Estudantes e docentes poderão participar em programas de intercâmbio entre Moçambique e China, enquanto as instituições poderão desenvolver conjuntamente conteúdos de formação, materiais didácticos e actividades científicas.

Investigadores capacitados em restauração de florestas de miombo e mangal

Docentes, estudantes de pós-graduação, investigadores e técnicos de diferentes instituições foram capacitados em técnicas de restauração ecológica de florestas de miombo e mangal, numa iniciativa promovida pela Universidade Eduardo Mondlane (UEM), através da Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal (FAEF), em parceria com a Universidade de Helsínquia, da Finlândia.

A formação decorreu entre 31 de Agosto e 5 de Setembro de 2026, no âmbito da Rede de Restauração de Ecossistemas de Moçambique e Madagáscar, e envolveu também técnicos de organizações não-governamentais e representantes de instituições públicas e privadas.

O curso teve como objectivo reforçar as competências científicas, metodológicas e práticas dos participantes para a compreensão dos processos de degradação e restauração dos ecossistemas, contribuindo para a formação de especialistas capazes de responder aos desafios associados às mudanças climáticas e à perda da biodiversidade.

Segundo a Directora Científica da UEM e coordenadora do projecto em Moçambique, Professora Doutora Natasha Ribeiro, a iniciativa insere-se num programa mais amplo de cooperação académica que envolve a Universidade de Helsínquia, a UEM e

instituições de Madagáscar. “É, basicamente, um projecto de desenvolvimento académico que inclui o programa Erasmus+. No semestre passado, dois estudantes da Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal participaram em cursos de curta duração na Universidade de Helsínquia e, por sua

vez, estudantes daquela universidade vieram a Moçambique visitar a Faculdade de Agronomia”, explicou.

Além da componente teórica, a formação privilegiou o contacto directo com os ecossistemas, permitindo aos participantes relacionar os conhecimentos adquiridos em



sala de aulas com situações concretas de conservação e restauração ambiental.

Para o efeito, os participantes deslocaram-se, entre os dias 3 e 5 de Setembro, à Reserva Nacional de Pomene, onde observaram ecossistemas de miombo e mangal e analisaram os principais desafios relacionados com a sua conservação e restauração. “Vamos ao campo ver de perto e, com conhecimento de causa, aquilo de que estamos a falar. Vamos visitar a Reserva Nacional de Pomene e observar as florestas de miombo e de mangal existentes naquela área”, afirmou Natasha Ribeiro.

Por sua vez, o coordenador do projecto pela Universidade de Helsínquia, Ossi Olinna, destacou a cooperação existente entre as duas universidades, particularmente através da FAEF, sublinhando que a parceria se estende a outras iniciativas académicas e científicas. “Recentemente, organizámos um simpósio e temos uma



Professora Doutora Natasha

cooperação muito boa”, referiu.

A iniciativa terá continuidade em Madagascar, onde um docente da FAEF deverá participar na realização de uma formação semelhante, contribuindo para a partilha de conhecimentos e experiências entre os três países envolvidos no projecto.

Como um dos principais resultados da iniciativa, está prevista a formalização da Rede REMM de Jovens Especialistas, destinada



Ossi Olinna

a promover a colaboração, o intercâmbio científico e a partilha de experiências entre jovens investigadores e profissionais dedicados à restauração de ecossistemas.

A rede deverá contribuir para dar continuidade à formação e fortalecer a capacidade técnica e científica dos países envolvidos na conservação e recuperação de ecossistemas de miombo e mangal.

UEM participa na Conferência Internacional AFFINITY 2026

Docentes, investigadores, estudantes e graduados da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) participaram, de 1 a 3 de Setembro, na Conferência Internacional *AFFINITY 2026: Solidarities of Reproduction & Relationships*, realizada na Universidade de Pretória, na África do Sul.

O encontro reuniu académicos e investigadores para debater questões relacionadas com reprodução, género, sexualidade, parentesco e relações sociais nas sociedades contemporâneas, com particular atenção às perspectivas africanas e do Sul Global.

A UEM esteve representada pela Prof.^a Doutora Sandra Manuel, Mestre Emídio Gune e Doutor José Adalima, docentes e investigadores do Departamento de Arqueologia e Antropologia, da Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS), que desenvolvem estudos nas áreas de género, sexualidade e reprodução.

Participaram, igualmente, Ana Siteo e

David Houana, estudantes do Mestrado em Género e Desenvolvimento; Anifa Vilanculo, graduada do mesmo programa e investigadora do Centro de Formação Jurídica e Judiciária; e Neusa Torres, pós-doutoranda em Antropologia na Universidade de Witwatersrand.

A participação na AFFINITY 2026 permitiu aos investigadores e estudantes partilhar experiências, estabelecer contactos com académicos de diferentes países e acompanhar novas abordagens de investigação sobre género, reprodução e relações sociais.



FICHA TÉCNICA

Director: Adão Matimbe

Editor: Cezinando Gabriel

Redação: Carlos Macuacua e Deuladeu Domingos

Revisão Linguística: Prof. Doutor Eliseu Mabasso

Layout: Nelson Gemo

Fotografia: Boaventura Mandlate

Contacto:

Centro de Comunicação e Marketing da UEM (CECOMA)

Campus Universitário Principal

Av. Julius Nyerere, nr. 3453, Maputo

+258 (21) 430239 | cecoma@uem.ac.mz

www.jornal.uem.mz